

A importância da educação técnica dos jovens

KELLY LOPES

Empreendedora social e superintendente do Instituto da
Oportunidade Social

Com a aceleração dos processos digitais por conta da pandemia, é recorrente ver nos noticiários a dicotomia, sempre existente e agora ampliada, no mercado de tecnologia da informação. De um lado, muitas empresas, que indo na contramão da crise estão em busca de profissionais da área. De outro, a escassez da mão de obra – não há profissionais com formação e especialização adequadas para suprir a demanda do mercado. E o que fazer diante desse cenário? Minha reflexão vai muito além de suprir a cadeia produtiva. Penso que esse jovem, na maioria das vezes, é a promessa de muitos lares, sendo ele o indivíduo com maior chances de conquistar emprego ou renda para a retomada de recursos para sua própria família.

Olhando para a realidade de hoje, em outras palavras, tenho como premissa que a formação dos jovens será a porta de entrada para a retomada do emprego e, como consequência, a reativação da economia. Enquanto as inovações tecnoló-

gicas se transformaram em grandes aliadas para manter pessoas no mercado de trabalho, recentes dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram uma retração de quase 10% em relação ao primeiro trimestre de 2020. Desde 1980, não há registro de tamanha queda no desempenho, segundo pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Mais uma vez, o jovem se mostra como uma alternativa, uma possibilidade de mudar esse cenário, de promover mudanças no mercado de trabalho. Afinal, as empresas precisam de novos talentos para criar e manusear as tecnologias e inovações que o mundo exige, e esse é um caminho sem volta! Por que será então que esses jovens são os mais afetados pelo desemprego? Segundo o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social), com a pandemia da COVID-19, haverá uma retração de até 34,2% na renda da população jovem, com grande impacto na faixa etária que vai dos 15 aos 24 anos.

E como mudar esse cenário? Como podemos equalizar a saúde financeira de inúmeras famílias que dependem desses jovens, e a tão buscada qualificação de profissionais para ocupar cargos que exigem conhecimentos técnicos, a curto

prazo? Essas questões deveriam ser tratadas de forma conjunta.

Com programas que duram o mínimo de seis meses, diversas instituições oferecem ensino qualificado que vai ao encontro das exigências do mercado de trabalho. E, cada vez mais, as empresas estão apostando e reconhecendo a importância dos cursos técnicos, cuja formação em tempo recorde é mais rápida do que as universidades podem realizar.

Existe espaço e necessidade para eles. Segundo pesquisa da Associação Brasileira das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação (Brasscom), o mercado de TI oferece 70 mil novas vagas de trabalho por ano no Brasil, porém as universidades formam apenas 46 mil alunos a cada ano. Nesse caso, todos os anos, sobram 24 mil vagas de trabalho por falta de profissionais para ocupá-las.

A meu ver, não existe outra solução senão aproximar as empresas desses programas educacionais que os qualifiquem e acompanhem os jovens em toda a trajetória até o mercado de trabalho. E pode acreditar, as organizações não governamentais estão prontas para apontar e preparar projetos que profissionalizam e formam os jovens muito além do mercado de trabalho.